

# Portuguesa Esperantista

ÓRGÃO MENSAL DO MOVIMENTO ESPERANTISTA PORTUGUÊS

**Director**

MANUEL DE JESUS GARCIA

**Editor**

JOAQUIM COSTA

**Propriedade**

DA LABORISTA ESPERANTISTA  
SOCIETO "NOVA VOJO"

**Redação e Administração**

RUA DO JARDIM DO REGEDOR, 5, 4.º  
LISBOA

**Composto e Impresso**

TIP. A MONTANHESA — S. PESSOA, L.º  
R. LUZ SORIANO, 71 — LISBOA

**Número avulso \$50**

Em papel melhor \$75

Assinatura para Portugal e Espanha,

anual, Esc. . . . . 6800

Colónias portuguesas, anual, Esc. . . . . 7800

Outros países, francos francezes . . . . . 7

## ENHA VO

### (SUMÁRIO)

Há muito que conheço o Esperanto,  
*entrevista com o prof. Dr. Agostinho Fortes.*

Ĉar Esperanto ne ankoraŭ triumfis. . .  
*de Costa Júnior.*

Scienco kaj tekniko—Pri paperfabri-  
kado, *de Curt Olsson.*

O Esperanto e a literatura (*conclusão*),  
*por Beaufront.*

Falantaj folioj—Angloj kaj Esperanto,  
*de Costa Júnior.*

Bildetoj pri la kampano vivo en  
Alentjo, *de Rodrigo de Gusmão.*

La etika valoro de Esperanto, *de*  
*Thilander.*

"Nova Vojo" e "Antaŭen" visitam  
Queluz.

Morto de la konprinceto, *traduko de*  
*J. A. Carmo.*

Bona leciono, *traduko de J. Vicente*  
*Júnior.*

Rigardo sur Esperanton,  
Enlanda movado.

Visitantes Esperantistas.  
Konkursoj.

## Há muito que conheço o Esperanto diz-nos o prof. Dr. Agostinho Fortes

Proseguindo com o nosso inquérito aos intelectuais portugueses, sobre o valor e vantagens do Esperanto, publicamos no presente número algumas palavras do Dr. Agostinho Fortes, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Numa visita que fizemos à Biblioteca Operária Oeirense, onde funciona um curso elementar de Esperanto, encontrámo-nos com o Dr. Agostinho Fortes, que faz parte dos corpos gerentes daquela instituição cultural. Quando lhe manifestámos o desejo de saber a sua opinião sobre a língua auxiliar internacional, o ilustre professor prontificou-se imediatamente a satisfazer a nossa vontade, encaminhando-se para o gabinete da Direcção, onde começou por dizer-nos:

— Há muito tempo que conheço o Esperanto. E não desconheço também várias tentativas feitas para a criação duma língua internacional, entre elas o Volapük.

— V. Ex.ª concorda com uma língua comum?

— Concordo, e acho-a até necessária ao rápido intercâmbio de conhecimentos entre os povos. Porém, suponho que nunca passará pela cabeça de alguém a pretensão de substituir qualquer língua nacional pela língua comum.

— Os esperantistas não têm tam utópica pretensão, confirmámo-nos nós. V. Ex.ª reconhece no Esperanto o valor necessário que o imponha a ser aceito como língua auxiliar de todos os povos?

— Da leitura de várias obras didácticas e também pelas lições que tenho ouvido pela T. S. F., feitas pelo Sr. Saldanha Carreira, tiro a conclusão que, de facto, o Esperanto é uma obra muito bem formada e que pelos seus objectivos constitue um valor incontestável e digno de todo o louvor.

— Deve-se incluir o Esperanto no ensino oficial?

— Eu entendo que sim, mas só nos programas de ensino secundário e superior. Infelizmente, no nosso país, o ensino primário é violentíssimo para a criança e por isso não acho conveniente sobre-carregá-lo mais ainda. De outra forma seria aconselhável o ensino do Esperanto ás crianças. Quanto às lições pela T. S. F., tornam-se interessantes como meio de propagação.

— Toda a propaganda é pouca, interrompemos, porque os obstáculos são numerosos...

— Infelizmente, concordou o Dr. Agostinho Fortes, no nosso país, não só ao Esperanto como a todas as iniciativas que possam proporcionar bem estar moral ou material, opõem-se-lhe sempre muitos

(Segue na página 50)

# 1.º concurso do "PORTUGALA ESPERANTISTO"

Publicamos neste número o terceiro texto deste primeiro concurso, que nos parece bastante difícil, opinião que certamente não têm os nossos concorrentes.

Do livro A EPOPEIA DO TRABALHO, de Ferreira de Castro:

## Os Pescadores

E' o mar a revolta milenária, a inquietude constante, que no seio de cada vaga vai rolando até às praias da Eternidade. E' o mar um prisioneiro da terra, mas a sua alma de rebelde não se resigna ao cárcere incomensurável e protesta e rugue e brame no silêncio de todas as noites e na noite de todos os séculos. O mar desconhece a resignação, os estados místicos, as lassidões fatais—êlé é a própria alma da rebeldia e luta sempre, sempre, incansavelmente, para despedaçar os seus grilhões, as suas algemas eviternas. E crispa-se e ergue-se imponente em sua velha ira, fervendo em ódio antigo, espumando pretéritos desejos de vingança e libertação—e não perdoadando, jamais, jamais, à terra que lhe serve de cárcere.

Há muitos milhares de anos que o mar se encarniça em dar um exemplo de revolta ao homem escravizado.

E por isso êlé exige aos que lhe demandam a fúria legendária, em batéis tam frágeis que dir-se-ão faluas onde embarcam, para naufragar irremediavelmente, todos os fantasmas do Sonho, uma energia tam forte como aquelas que encerram as suas ondas convulsas.

E os pescadores surgem assim como titãs remotos, que igualam, já que não a podem dominar, a força do mar. E fraternizam assim com o Eterno Revoltado, acabando por lhe conquistar a alma inquieta, que recolhem depois nas arcadas dos seus peitos robustos. E começam a viver a liberdade do mar, uma liberdade bravia, como toda a liberdade primitiva. E deixam que em seus olhos se espelhe a ânsia do longínquo, da distância infinita, de que só o mar tem o condão. E o céu violáceo que sucede às tempestades parece-lhes um céu livre, sob cuja cúpula se pode navegar sempre para além, sempre mais para além, até se aportar ao continente da Liberdade

Ilimitada. E lutam constantemente, infatigavelmente, perante a miragem fugidia que não quis deter-se ainda e que êles, sem a assinalar sequer, levam na alma, inoculada pelo mar. E chegam a odiar a terra que encarcera o rebelde, que a êles próprios agrilhoa, essa terra a quem dão, pródigamente, desdenhosamente, os seus esforços—e que é uma terra mártir e escravizada, onde florescem, regados por sangue humano, os junços da tirania.

Mas um dia, o mar, que êles igualaram em bravura, abre seu seio profundo e sepulta-os, entoando um cântico surdo, fúnebre, um cântico de olvido e redenção. Exalta-os numa apoteose de ira, que é nele uma apoteose de ternura. E depois de lhes extrair a alma, que voejará sempre, como um fluido de energia e de revolta, sobre todas as distâncias, sobre as longitudes ilimitadas, êlé arroja-lhes o corpo à terra—à terra desprezível que se sacia com os despojos da Liberdade.

As respostas serão recebidas até 10 de Outubro. Não tomaremos em consideração os trabalhos remetidos sem trazerem colado o cupão n.º 7 impresso no pé da página.

Achamos desnecessário informar os nossos amigos que o seu trabalho será traduzir para Esperanto, respeitando, é claro, a forma original, o texto publicado.

Os nossos três prémios, destinados aos três primeiros classificados, são, segundo a ordem:

INTERPOPOLA KONDUTO de Edmond Privat, PILGRIMO de Júlio Baghy e LA FUNDO DE L' MIZERO, tradução de Kabe.

## Há muito que conheço o Esperanto

(Continuado da página 49)

obstáculos, e isso devido, em parte, à elevada percentagem de analfabetos que ainda existe. E' pena que às autoridades não interesse a divulgação do Esperanto, julgando-o exclusivo das ideas socialistas, mas o ensino e o seu uso não constituem crime algum.

Finalizando, o Dr. Agostinho Fortes disse-nos que o nosso jornal lhe agradava sobremaneira não só em virtude do seu aspecto gráfico mas também pela forma como se tem escolhido os assuntos nêlé publicados.

Esta conversa satisfiz-nos plenamente, deixando-nos convictos que a alguns intelectuais portugueses o Esperanto tem merecido um pouco de atenção.

## Kvara konkurso de

## "Portugala Esperantisto"

La solvojn oni sendu al Administracio de "P. E." ĝis la 30-a de Septembro.

La premio estas interesa libro dislotota inter ĉiuj, kiuj sendos la ĝustan solvon.

### Enigmo

Oni anstataŭu la punktojn per literoj tiamaniere ke horizontale kaj vertikale oni legu la samajn vortojn.

Ekzemple:

ORO  
RID  
ODO

. . . . . Parto de la jaro (nur radiko).  
. . . . . Eldiri sian kredon (nur r.).  
. . . . . Argentbrila metalo (nur r.).  
. . . . . Sangmanka malsanstato (nur r.).  
. . . . . Arbo, el kies floroj oni faras infuzon.

### Enigmo

Anstataŭu la punktojn per la konvenaj literoj:

. . . . . POR. . . . . Komforta, taĝa.  
. . . . . TU . . . . . Flava metalmiksaĵo.  
. . . . . GA . . . . . Skui la akvon en la buŝo.  
. . . . . LA . . . . . Ludo tre praktikata.  
. . . . . EŜ . . . . . En la ventro.  
. . . . . PE . . . . . Parto de la floroj.  
. . . . . RAN . . . . . Parto de la kapo.  
. . . . . TIS . . . . . Kreisto de belaĵoj.  
. . . . . TO . . . . . Sin amuzi kiel infano.

Restam apenas poucos lugares para a excursão a realizar às Caldas da Rainha, S. Martinho do Pôrto, Nazaré, Alcobaça, Batalha, Leiria e Santarém em 13 de Setembro.

# “NOVA VOJO” e “ANTAŬEN” visitam Queluz

No dia 5 do corrente, por indicação das secções excursionistas das L. E. S. «Nova Vojo» e «Antaŭen», reuniu-se no pavimento superior da estação do Rossio cerca de uma centena de esperantistas e pessoas de suas famílias, a fim de visitarem Queluz, um dos mais pitorescos arredores de Lisboa.

A partida, marcada para as nove horas, efectua-se com alguns minutos de atraso, o que provoca o exacerbamento da impaciência com que é aguardado pelos excursionistas o início do segundo dos passeios organizados em conjunto por aquelas sociedades.

Finalmente, arrumados como sardinha em canastra, nas coxias, plataformas, pendurados nos estribos —excelentes, os serviços da C. P.—, ouvimos, com júbilo o sinal de partida. Inicia-se a marcha para a «Terra de Promissão».

Em todos os rostos transparece claramente a alegria de que estão possuídos os excursionistas ao antever os momentos de deliciosa convivência, que, por experiências anteriores, sabem ir gozar durante todo esse dia, na companhia dos seus «gesamideanoj».

E, apesar de alguns se encontrarem em posições verdadeiramente incômodas, prensados ou obrigados a sustentar-se à fôrça de pulso, todos, sem excepção, riem, cantam e trocam gracejos que provocam a hilariedade dos circunstantes, não logrando eximir-se-lhe até aqueles que, viajando acidentalmente no mesmo combóio, não fazem parte do nosso grupo. A alegria sã dos esperantistas, indivíduos irmanados no mesmo ideal de paz e amor ao próximo, é irresistível, contagiosa.

A passagem do túnel faz-se rapidamente. De Campolide, Benfica e Amadora, nomes de estações intermediárias lidos de passagem, não há também, para nós, em breve, mais do que vagas reminiscências. São nove horas e trinta minutos; o combóio resfolegando, fazendo tremer o pavimento, acaba de entrar na estação de Queluz.

Um pouco amarfanhados, apeamos-nos respirando com prazer, livremente, o ar puro da manhã. Muitos esperantistas residentes naquela localidade aguardam-nos fóra da gare. Após a troca de inumeráveis apertos

de mão e abraços de boas vindas, organiza-se o nosso cortejo, que, com a bandeira ao centro, percorre aquela risonha povoação em passeio de propaganda. A nossa passagem desperta, como de costume, enorme curiosidade. Muitas são as pessoas que indagam do que se trata. Que pretende toda aquela gente? A resposta não se faz esperar dada, solitamente, por um ou outro dos nossos camaradas. Rapidamente, mas de forma clara e precisa, as vantagens morais e materiais do nosso movimento são expostas aqueles curiosos. E, assim, conseguimos engrossar as nossas fileiras com muitas dezenas de novos adeptos e simpaticizantes.

O dia amanheceu carrancudo, pesado. Densas nuvens amontoam-se no horizonte. Pouco a pouco aproximam-se e, em breve, começa chovendo.

O sol, companheiro fiel, que jamais deixou de tomar parte nos nossos passeios, parece, desta feita, ter-nos despedido.

Depois de alguns minutos de espera, junto do palácio, cujos andaimes, recordando-lhe o incêndio que há tempo quási o destruiu, arrancam, de novo, sentidas lágrimas, desta vez de saudade, à nossa sensível companheira de Ontão, encaminhamo-nos para a quinta da Escola Prática de Agricultura, que tinha sido gentilmente posta ao nosso dispor.

Ali, aguarda-nos um espectáculo surpreendente e inesperado. Os nossos olhos acostumados aos raquíticos arbustos das ruas e avenidas de Lisboa, contemplam, deslumbrados, um extenso caminho ladeado de frondosas árvores de porte magestoso, pelo qual nos internamos num denso bosque, que, a nós, leigos, nos parece uma verdadeira floresta virgem. Em breve, os excursionistas se encontram dispersos pela vasta e formosa mata, desejosos de aproveitar bem o seu tempo.

Após a primeira refeição, porque se tomaram variadíssimas durante o dia, todos convergem para uma enorme clareira que, no centro, dominando todos os caminhos, nos oferece um vasto campo para os nossos jogos e correrias.

Aparece a primeira bola de papel e, a seguir, uma de borracha. Or-

ganiza-se, imediatamente, um desafio de futebol (?), no qual tomam parte algumas dezenas de esforços jogadores. O pontapé de saída, dado por uma das nossas jovens e belas companheiras, arranca fartos aplausos.

O sol, atraído certamente pelas gargalhadas sonoras que coroam as inhábéis jogadas dos improvisados atletas, mostra-se, por fim, de súbito, em toda a sua plenitude.

E, para que lhe perdoemos a falta de pontualidade, tenta recuperar o tempo perdido; mete-se conosco, queima-nos a epiderme obrigando-nos a bater em retirada e a procurar um abrigo na sombra.

Então, uma ideia atravessa a mente de alguns dos nossos camaradas: aproveitar as largas e longas pranchas de cortiça, arrancadas há pouco, aos sobreiros, improvisando com elas cómodos leitos, que dispõem à volta da ampla clareira. E, esse lugar, há poucos momentos ainda, cheio de ruídos, encontra-se agora mergulhado no silêncio, transformado, como por encanto, de campo desportivo em sanatório.

Passadas as horas da canícula, aqueles que se deixaram descuidosamente adormecer, e muitos foram eles, acordam surpreendidos ao som de dois harmónios em que dois tocadores, especialmente contratados pela comissão organizadora, executam uma série de moderníssimos tangos e rumbas, que fazem a delícia dos «gesamideanoj» dançarinos.

Os que não sabem ou não querem dançar não ficam inactivos. Organizam-se jogos de prendas. E, assim, no meio de alegria esfusante, se passa o resto daquele inolvidável dia.

Pelas vinte horas iniciamos, com saudade, a retirada. Algumas senhoras sobraçam ramos polícromos de flores silvestres. Tinha terminado o segundo passeio organizado em conjunto pelas secções excursionistas das L. E. S. «Nova Vojo» e «Antaŭen».

Como de costume, nem uma nota desagradável a registar. O nosso querido camarada Costa Júnior foi, mais uma vez, a alma da nossa excursão, contribuindo com o seu fino espírito para que a boa disposição reinasse, ininterruptamente, entre nós.

A. Gomes da Cunha

## SCIENCO KAJ TEKNIKO

## PRI PAPERFABRIKADO

DE CURT OLSSON

Vizitu Svedion dum la plej proksimaj semajnoj en Majo aŭ Junio kaj akompanu min al unu el ĝiaj multaj riveroj—al Lagan, en suda Svedio. La neĝo, kiu falis dum la vintro, estas degelinta, la rivero ŝvelis kaj jam atingis sian printempan altivelon.

Jen vidu. Sur la akvosupraĵo fluas arbotrunkoj. La plej multaj estas 2 metrojn sed kelkaj estas 4-6 metrojn longaj. Ĉiuj estas senŝeligitaj. Kelkope ĝis amasope ili venas. Multaj albordigas kaj restas kvazaŭ garnaĵo laŭ la bordo de la rivero. La aliaj daŭrigas malsupren, renkontiĝas kun miloj da novaj kamaradoj, ĝis ili venas al la fabriko en nombro de centmiloj.

La longajn trunkojn oni segas al traboj kaj tabuloj. Sed la malpli longajn trunkojn atendas pli komplika procedaro.

Vi scias, ke oni faras paperon el ili. Sed kiel okazas tio? Ĉu vi estas sciema? En tiu okazo vi akompanu min al Strömsnäsbruk, kie mi povas gvidi vin tra la tiea paperfabriko.

Ĝi estas mezgranda fabriko kaj donas laboron al pli ol 400 laboristoj.

Ni eniras tra la pordegoj. Dekstre de ni estas la fervojaro. Maldekstre amasiĝas la fabrikejoj. Tie kaj tie ni vidas kelkajn laboristojn. Ni aŭdas la obtuzan bruon de la maŝinoj. Nigreta fumstrio elvenas el la kamentubego. Alie ĉio estas trankvila. Vico da verdigantaj betuloj ornamas nian vojon.

Unue ni iras al la senŝeligejo. Tie ni denove renkontas niajn trunkojn. Per transportilegoj ili venas el la provizejo, kiu situas kelkcent metrojn trans la rivero. La trunkoj, kiuj havas malbele grizan koloron, eniras maŝinon. La laboristo malsuprentiras la efikilon—oreltranĉa bru—la trunko elvenas pura kaj blanka, kvazaŭ tornita. Ĝi falas en alian maŝinon, kiu tute dispecigas ĝin. El la granda trunko fariĝas nur ligneroj (t.n. splitoj), kiuj per transportbendo rapide veturas supren al la boligejo.

Tien ni devas iri. La du bolkaldronegoj etendiĝas tra tri etaĝoj. En ili oni boligas la lignerojn kune kun sulfita lesivo (kalcia bisulfito). La lesivo solvas ĉion escepte de la celulozo. Ni ekscias, ke la temperaturo en la kaldronegoj estas 135-140 gradoj laŭ Celcius, kaj ke oni devas boligi la splitojn dum 16-20 horoj. Ni ne povas observi la procedon, sed ni sentas la odoron de sulfuroksido malagrabla en nazo kaj orgo. Pro tio ni daŭrigas.

La ligno de la sveda abio konsistas ĝis ĉirkaŭ 50 % el celulozo (la sama mate-

riale, kiu konsistigas kotonon kaj linon). Celulozo estas fortika kaj rezista materialo nesolvebla en preskaŭ ĉiuj solviloj. La aliaj 50 % konsistas el lignino kaj rezinoj. Ili ĉiuj estas solveblaj en la lesivo. Post kiam oni forlavis la lesivon, nur restas celulozaj fibrofaskoj de flavetblanka koloro (oni povas tute blankigi ilin per kloro).

Nu tio estas sulfitemaso, kaj nun la ligno estas trapasinta la unuan etapon survoje al papero.

Oni miksas la mason kun multe da akvo, fluigas ĝin sur longan senfinan metaltukon, kiu moviĝas ĉirkaŭen. La akvo trafluas kaj la masofibroj restas sur la tuko en milimetrodika tavolo. Ĝi estas rulita ĉirkaŭ stango en granda rulaĵo.

Nun ni iru al la «holandanejo». Jen en tiu ĉambrego staras grandaj mueliloj, tiel nomataj «holandanoj». Ili aspektas kiel malnovaj radvaporŝipoj kun po unu padelrado. En ili ĉirkaŭfluas la maso dum ĝi estas muelata. Laŭ la speco de la fabriko-papero la maso estas bruna, blanka aŭ kolorigita. Oni alverŝas al ĝi multajn strangajn aĵojn, ekz. gluaĵojn, alunon, kaolinon, sulfuracidon, ktp. Kiam la masofibroj estas sufiĉe muelitaj, oni ellasas la mason, miksas ĝin kun ankoraŭ iom da akvo kaj fluigas la miksaĵon sur metaltukon, similan al tiu, kiun ni renkontis en la sulfitejo. Sed tiu ĉi tuko estas pli granda kaj havas malpli grandajn truetojn. Ĝi forte skuigas kaj forfiltras la akvon, kaj intertempe ĝi senfine moviĝas antaŭen ĉirkaŭ siaj du ruliloj. Ĉe la fino de la tuko la maso ekaspektas kiel maldika tavolo de akveca molaĵo. Tiu tavolo tuj daŭrigas sur felto inter kelkaj paroj da premcilindroj. Kaj jen la tavolo forlasas tiujn cilindrojn kaj moviĝas libere en la aero distancon de kelkaj decimetroj. Nun ĝi ne plu estas nur tavolo de maso. Ĝi rajtas esti nomata papero—malseka ja—sed tio estas facile helpebla. La larĝa papervojo eniras inter la grandaj feltkovritaj sekigcilindroj. La restanta akvo forvaporigas, kaj ĉe la fino de la maŝino elvenas la papero kraketante seka, bele glata kaj fajreranta pro frotelektro. Ĝi ruliĝas ĉirkaŭ stango kaj estas preta.

Kaj nun, amiko, se vi ankoraŭ ne estas laca, ni povas iomete rigardi la aliajn papermaŝinojn. Ili estas entute ses. Ĉe tiu ĉi giganta maŝino oni faras kovrilpaperon, jen oni faras sakpapero, jen fortkvalitan brunan paperon, kaj jen vi vidas la plej belan diafanan «buterpanpaperon».

## LA ETIKA VALORO DE ESPERANTO

Speciale verkita por la «Semajno de la boneco» okazinta en Portugalio de la 31-a de Majo al la 7-a de Junio.

Plenprave oni povas diri, ke Esperanto estas infano de Amo, produktaĵo de Amo. Estas malfacile en la Historio trovi pli senambician kaj modestan homon ol D-ron Zamenhof, la kreinto de Esperanto. Dum tuta sia vivo li laboradis pro amo al siaj kunhomoj, kiam li plenumadis sian profesian agadon kiel okulkuracisto kaj kiam, dum vesperoj kaj noktoj post la profesiaj tagoj, laboris por sia ideo, la internacia lingvo. Tiu ideo por li estas neniam «hobbx» por distri liajn pensojn post laborplena tago; ĝi estas por li lia plej grava tasko en la vivo, la *enhavo* mem de lia vivo. Li neniel kreis sian lingvon pro la lingvo mem; li kreis ĝin, por ke ĝi estu *rimedo* per kiu fratiĝu la tuta homaro en amikeco kaj komprenemo. Tion ni ree kaj ree legas en liaj leteroj kaj en liaj verkoj. Li opiniis pravege, ke la homaro bezonas, bezonegas tian rimedon, bezonegas ĝin pli kaj pli pro la kreskanta internacia komunikado.

La blinduloj de la mondo ankaŭ bezonas la internacian lingvon. Ne nur pro tio, ke la blinduloj estas parto de la homaro, kaj partoprenas la benojn kaj la devojn de la kulturo; ne, la blinduloj bezonas Esperanton ankaŭ kaj precipe pro si mem, bezonas ĝin eĉ pli ol la vidantaj kunhomoj. La blinduloj en ĉiu loko estas, feliĉe, tre malmultaj. Ili sentas sin izolitaj, ili bezonas unu la alian. Esperanto iĝis por la blinduloj tute speciale *ligilo*, kiu kunligas ilin, kie ajn ili loĝas en la mondo. Per tiu rimedo ili amike korespondadas, konsiladas unu la alian, helpas sin reciproke, konsoladas kaj kuraĝigadas.

Esperanto havas grandegan praktikan valoron, sed oni hezitas, ĉu ĝia etika valoro ne estas eĉ pli granda pro la misio de amo kaj kunligado, kiun donis al ĝi ĝia kreinto.

HARALD THILANDER.

(Ĉefa Redaktoro de «Esperanta Ligilo» kaj Sekretario de Univerŝala Asocio de Blindul-Organizaĵoj).

La fabriko ankaŭ entenas specialan sekcion por kartonfabrikado. Sed ĝin ni povos vidi alian fojon. Mi proponas, ke ni honoru la arbaron koniferan per nia vizito kaj ripozu ĉe ĝia malserena sino. Ĝi taŭgas por pli multe ol por nur paperfabrikado. Venu.

Strömsnäsbruk (Svedio), Aprilo 1936.

# FALANTAJ FOLIOJ O Esperanto e a literatura

(Continuado do número anterior. Conclusão)

## Angloj kaj Esperanto

*La nunjara kongreso de Sennacieca Asocio Tutmonda okazos en Manĉestro. Al tiu ĉi por la legantoj malnoviganta informo, kies graveco kuŝas nur en tio, ke la kongresloko estas en Anglio, mi aldonos alian ankaŭ «hargrizigantan» sciigon: UEA vojaĝas de Svisio al Granda Britio.*

*La legantoj ne ŝultroskuu tro senpripense ĉe tio ĉi; bonvolu rimarki, ke la angla lingvo ludas en tuta mondo preskaŭ internacian rolon. Fakte en ĉiuj kontinentoj oni parolas anglalingve; la fera Albiono havas siajn imperiopartojn en ĉiuj «anguloj» de la mondo.*

*Kaj kiam ni celas konvinki iun pri la internacieco kaj disvastigeco de Esperanto, oni aŭdas la senŝanĝan respondon:*

*— La franca, ja, kaj la angla, ho! la anglan, jes, oni parolas kaj uzas ĉie...*

*Kaj unuanime niaj kontraŭuloj konsentas pri tio, ke neniam la anglaj akceptos alian lingvon kiel internacian.*

*Respondo al tiu senbaza opinio nun donas niaj anglaj samideanoj: ĝuste en la koro de la anglalingva lando instaligis la centro de la neŭtrala esperantista movado, kore akceptata de tiaj esperantistoj, kiuj pretiĝas por vigla laborado pri la malbonfinanca asocio. Dume laboristasocia kongreso elektas ankaŭ tiun saman landon, kiel plej taŭgan por sia okazo.*

*Anstataŭ pledi por la angla lingvo, kion faras naivaj alilanduloj, la anglaj akceptas kaj laboras por Esperanto. Kion aldoni al tio ĉi? La faktoj parolas tre elokvente...*

COSTA JÚNIOR

## O Esperanto e a Rádio

A recente conferência do Rádio Clube de Itália aprovou a seguinte importante resolução:

«A Conferência, na qual também tomam parte representantes de algumas associações rádio-eléctricas, verifica que a expansão universal da telefonia sem fios exige um meio para vencer as barreiras lingüísticas e recomenda por isso o emprêgo do Esperanto nas informações destinadas a auditório estrangeiro».

Lembremos no entanto o que escrevemos no final dos nossos artigos sobre idiotismos; isso valerá mais do que todos os argumentos que se pudessem apresentar, porque é a prova dada pelos factos.

As muitas traduções e as obras originaes produzidas em Esperanto provam evidentemente que os idiotismos das nossas línguas — e isto constitui, no campo literário, o grande argumento contrário — podem ser traduzidos de forma compreensível para todos, de nenhuma maneira diminuindo a força e a beleza dos pensamentos.

Na *Iliado*, de Homero, no *Hamlet*, de Shakespeare, em *Kaino*, de Byron, em *Demono e Princino Mary*, de Lermontov, em *Boris Godunov* e *La neĝa blovado*, de Puŝkin, em *Fantomoj*, de Korolenko, em *Renaskita Manfred*, de K. R., em *La gefratoj*, de Goethe, no *Edziĝo de Figaro*, de Beaumarchais, no *Literaturisto kaj lia fianĉino*, de Flygare-Carlson, no *En la brikejo*, de Wasniewski, etc., apresentamos ao mundo uma tam grande coleção de idiotismos gregos, ingleses, russos, alemães, franceses, suecos e polacos de tal maneira traduzidos em Esperanto, que até o mais obstinado dos cépticos tem de se confessar vencido.

E foi isto mesmo que sucedeu a um dos nossos conhecidos, professor de inglês. Julgava êle impossível a existência da língua internacional. Quando o obrigámos a verificar a sua existência, deixou de o negar, mas refugiou-se na pretendida incapacidade de uma língua artificial poder exprimir as subtilidades do pensamento. O seu mais forte argumento eram os idiotismos. Nunca, pensava êle, o Esperanto poderá traduzir satisfatoriamente uma obra prima das nossas literaturas.

Começou a estudar o Esperanto e a fazer a leitura da tradução do *Hamlet*, feita para aquela língua pelo próprio Dr. Zamenhof. O seu único fim, confessou êle sinceramente, era poder-nos provar, com documentos à vista, que tinha mil vezes razão. Leu o texto inglês, comparando-o constantemente com a tradução esperanta, muito convencido de a ir encontrar em falta a cada passo. Qual não foi, porém, a sua surpresa quando teve de confessar que a tra-

dução, não contente em ser fiel, adaptou a si incrivelmente a côr e a vida do texto original!

Deixou de duvidar; deixou de falar de idiotismos e da pretendida incapacidade de o Esperanto poder traduzir as principais obras literárias. Com espírito inteiramente diverso, entregou-se então a uma nova experiência. Tomou diferentes traduções do drama de Shakespeare e passou a compará-las com a do Esperanto. Após minucioso exame, a sua conclusão foi que «a tradução em Esperanto é, em grau bastante elevado, a melhor de todas».

Os que alimentam dúvidas façam como aquele nosso amigo; e verão, pelo menos, que o Esperanto, na literatura, desempenha o seu papel tam bem como as nossas línguas. O Esperanto arrasta, como cada uma delas, a sua nota especial, o seu génio próprio.

E poderia ser de outro modo? Apesar de assinalado com a marca da lógica e da clareza, o seu carácter literário não é nem menos real nem menos bom. Poderá até parecer melhor a um atento exame.

Mas, dir-se-á, para que insistir tanto neste aspecto literário do Esperanto, como se a língua internacional tivesse o fito especial de ser superior? Este, decerto, não foi o pensamento que nos inspirou.

Concordamos de boa mente que antes de procurar atingir a alta região da literatura a língua internacional deve satisfazer as necessidades diárias da vida, do comércio e da ciência. Mas faremos notar que essas necessidades só poderão ser satisfeitas se a língua possuir a riqueza, a precisão e a flexibilidade necessárias para a eficaz expressão das nossas ideas. E, se o puder fazer cabalmente, também deve estar apta a ir mais alto, e a igualar, pelo menos, as nossas línguas na actividade literária.

Por outro lado, conhece-se por ventura a maneira de tratar um tema científico, uma questão moral, económica, etc., contar até uma simples ocorrência ou escrever uma carta sem fazer um pouco de literatura? Tivemos pois razão quando afirmámos que a língua internacional não servirá para nada se não servir para tudo.

L. DE BEAUFONT.

## Visitantes Esperantistas

Recebemos durante o mês de Julho a visita dos esposos Parker e de E. Lanti. Com a devida vénia transcrevemos, acêrca da visita dos primeiros, parte do artigo do nosso samideano Saldanha Carreira publicado pelo jornal «República» de 8 de Julho de 1936:

«—E se se é hóspede de esperantistas amáveis...

— Sim, é, na verdade, um grande prazer encontrar tantos esperantistas: e, no entanto, ainda não são tantos quantos desejava. Eu quero que toda, toda a gente use a nossa querida língua. Já visitei a sociedade «Nova Vojo» e confesso que fiquei entusiasmado com a recepção que todos aqueles curiosos me fizeram. Bombardearam-me com perguntas sobre assuntos ingleses e o nosso Esperanto foi animadamente falado. Muito hábeis. Assisti a parte de uma lição e agradou-me o método de ensino».

Acêrca do segundo transcrevemos na íntegra a notícia publicada no jornal «O Século» de 8 de Julho:

### Prof. E. Lanti

Encontra-se em Lisboa este escritor francês e categorizado esperantista

«Chegou ontem a Lisboa, vindo de Madrid, o professor e escritor francês sr. E. Lanti (E. Adam), individualidade de relêvo nos meios intelectuais franceses, autor de numerosas obras, em francês e Esperanto, e um dos fundadores da Associação Internacional de Esperantistas e do jornal «Sennaciulo», das revistas «Sennacieca Revuo» e «Herezulo», de que foi, durante muitos anos, director. O seu último livro, «*Çu konstruijas socialismo en Sovetio?*», de impressões da sua viagem à Rússia, é um dos mais fortes libelos contra a experiência marxista no país dos soviets.

O sr. prof. E. Lanti, que saíu de Paris em Maio, numa peregrinação de estudo através do mundo, sobre a civilização dos vários povos, cujos resultados promete dar numa obra que vai publicar, permanecerá até o fim do mês em Portugal, onde tenciona colher elementos sobre o folclore, a literatura e os costumes portugueses, e tratar com alguns escritores da tradução das suas principais obras para Esperanto».

## Enlanda Movado

**Lisbono.**—*Esperantista Societo «Nova Sento».*—Nun funkcias du kursoj: elementa kaj praktika, ambaŭ gvidataj de k-do Amadeu Monteiro, kies malfermo okazis la 1-an kaj 19-an de Junio. Ankaŭ sukcese daŭras kurso per korespondado. La propagandaj servoj de ĉi tiu Societo okazigis promenadon al Rocha de Carnaxide, dum kiu nia lingvo estis interkomprenigilo.

*Liga dos Esperantistas Ocidentais.*—Je la 28-a de Junio okazis grava esperantista festo en la sidejo de tiu ĉi societo. Delegitoj de Antaŭen, Fratica Stelo kaj Progresema Amikoj prezidis la feston. Armando Lima Almeida, ĝenerala sekretario de Ligo, salutis la ĉestantaron, parolante pri la aktiveco por-Esperanto. Poste oni inaŭguris novan flagon, dume muzikgrupo ludis «La Espero»-n. La prezentado de Pionira Grupo mirigis la ĉestantojn kaj sekve sinjorino Maria Machado, unua grada instruistino, diris brilan paroladon pri nova pedagogio kaj novaj porinfanaj instrumentoj.

Aliaj invititoj parolis pri diversaj aferoj rilatantaj al la festo. Vespere daŭris la festo. Tiam oni deklamis esperante kaj oni ludis esp-muzikaĵojn. Studentoj de la Scienca

Fakultato oratoris pri la celo de Esperanto, kiuj finfine estis vigle aplauditaj.

La de Sankta Amaro kvartala popolo fieras ĉar Ligo dos Esperantistas Ocidentais estas unu el la plej gravaj esp-societoj de Lisbono.

**Oeiras.**—*Biblioteca Operária Oeirense.*—Por festi la trian datrevenon de tiu-ĉi institucio okazis solena kunveno de la pasintan monaton je la 19-a. Prezidis D-ro Agostinho Fortes kaj nia k-do Armando de Aguiar, ĝenerala sekretario de «Antaŭen». La unua parolis pri la kulturaj celoj de biblioteko, kies fruktojn ricevas la tieaj gelaboristoj. Armando de Aguiar je nomo de «Antaŭen» klarigis la ĉestantaron pri la celo de Esperanto kaj videblaj profitoj de nia helplingvo.

Carlos Nogueira, la estro de Kultura kaj Propaganda Faĵo de «Antaŭen», pritraktis la facilecon kaj simplecon de nia lingvo. Tiu festo finiĝis per varmaj aplaŭdoj al la oratoroj kaj vivu-oj al Esperanto.

**Madejro.**—*Atlantika Porto - Funchal.*—Malho Rodrigues kaj Manuel da Câmara direktis la familian festeton kiu okazis ĉe la sidejo de ĉi tiu esp-grupo la 12-an de Julio. La programo konsistis el dramo, komedio kaj kantoj. Tiamaniere niaj madejraj samideanoj pasigas la tempon kaj samtempe propagandas Esperanton varbante novajn simpatiantojn.

## LETTERKESTO

**M. M. S.**—Lisboa.—Poderá ser que alguem se decida lançar uma nova edição do livrinho «O Esperanto sem mestre». Contudo não seremos nós a fazê-lo porque infelizmente as «massarocas» não abundam pela nossa casa. Tem no entanto muita razão. E estamos certos que, como elemento de propaganda, tal livrinho não era nada mau.

**Antônio Gaia**—Silves.—Ni atendas vian viziton. Tiam mi preparolos la «P. E.»-an propagandon en via urbo.

**Renato de Beça e Melo**—Penafiel.—Ni estas feliĉaj, ĉar vi sukcesis aranĝi korespondanton pere de «P. E.». Malgraŭ via opinio pri Esperanto, ni esperas, ke vi kunlaboru sur niaj paĝoj.

**Joaquim Lopes Padinha**—Gelfa.—Dezirante vian baldaŭan resaniĝon, ni estas ĉiam je via dispono. Niaj oferoj restas samaj.

**João Almeida Gomes**—Leiria.—Legu aliloke, en la lasta numero, informon pri ŝakrevueto direktota de Costa Júnior. Certe tiu informo plaĉos al vi. Tiam ni publikigos ŝakanguleton.

**Maria M. Pereira Duarte**—Ponta Delgada.—Ne timu, kara samideanino. Sendu al ni vian kunlaboraĵon, kiun ni akceptos plezure. Nia unua numero estas de longe elĉerpita. Tamen vi povas ankoraŭ havigi ĉiujn numerojn sur pli bona papero kontraŭ 9000 jare. Ĉu vi volas?

## RIGARDO SUR ESPERANTION

— Jubilea kverko plantita de la partoprenantoj de la Universala Kongreso de Esperanto de 1927 en la teritorio de la «Libera Urbo Dantzig» estis forsegita antaŭ kelkaj semajnoj de la naci-socialistoj. Sur la ŝtona tabulo atestinta pri la fakto, oni skribis: «Deutsche reden deutsch» (Germanoj parolas germane).

— La dudekokan fojon en Francio, oni inaŭguris «Straton de Zamenhof» en Thiers la 10-an de Majo.

Fraŭlino Zamenhof, la filino de la Majstro, akompanata de multaj samideanoj el Liono, estis atendata de entuziasma homamaso el ĉiuj centraj kaj sudaj regionoj de Francio.

Dum la ceremonio de inaŭguro, S-ro Laroche, parlamenta deputito, laŭdegis la idealismon de D-ro Zamenhof kaj proklamis sian neekskueblan fidon al la estonteco de Esperanto.

— Laŭ reskripto de la Politika Polic-komandanto Himmler de la 20-a de Junio, ĉiuj organizaĵoj de artefaritaj lingvoj en Germanio devis sin likvidi tuj kaj raportigi la 15-a de Julio sian likvidon.

Inter la likviditaj organizaĵoj estas: Germana E.-Asocio, pri kies kongreso ni raportis en lasta numero, Nova Germana E.-Asocio, E.-Klubo Amika Rondo, en Berlino, kaj Komerca E.-Unio, en Dresdeno, kaj Occidental-organizaĵo.

# MORTO DE LA KRONPRINCETO

Ĉi-tiun modestan tradukon, mian unuan esperantan laboraĵon, dankeme mi dediĉas al mia amiko Manuel Firmo, kiu iniciis min en Esperanton.

J. A. C.

La kronprinceto estas malsana, la kronprinceto baldaŭ mortos. En ĉiuj preĝejoj de la regno estas ekspoziciita, nokte kaj tage, la sakramentilo, kaj brulas grandaj kandeloj por la sano de la reĝa infano. La stratoj estas malgajaj kaj silentaj, ne sonoraj la preĝesonoroj, kaj la veturiloj veturas malrapide. Ĉirkaŭ la palaco, la scivolemaj burĝoj rigardas tra la kradoj al la pordistoj, kiuj interparolas en la kortoj, kun majestaj mienoj, fieraj pri siaj orumitaj rubandoj.

En la palaco ĉio moviĝas. Ĉambelanoj kaj servistestroj supreniras kaj malsupreniras, rapide, la marmorajn ŝtuparojn. La galerioj estas plenaj de paĝoj kaj korteganoj, silke vestitaj, kiuj iras de grupo al grupo, serĉante mallaŭte sciigojn. Sidantaj sur larĝaj sojloj, la reĝinaj kortegulinoj, tute ploremaj, faras grandajn riverencojn kaj sekigas siajn okulojn per belaj broditaj poŝtuketoj. En la oranĝerio okazas granda kunveno de togitaj kuracistoj. Oni vidas ilin, tra la vitroj, swingi siajn grandajn nigrajn manikojn kaj klini doktore siajn frizitajn hararojn. La gubernisto kaj la ŝildportisto de la reĝideto promenas antaŭ la pordo, atendante la decidojn de la doktoraro. Kuiraj servistoj preterpasas kaj ne salutas ilin. Sinjoro ŝildportisto grumblas tiel kiel pagano, kaj sinjoro gubernisto deklamas versojn de Horacio. Kaj dume, malsupre, ĉe la ĉevalejo, audiĝas longa lamenta ĉevalbleko. Estas la brunflava ĉevalo de la kronprinceto forgesita de la stalistoj, vokanta ilin, malĝoje, ĉe la malplena manĝujo.

Kaj la reĝo? Kie li estas?... La reĝo fermiĝis tutesole en ĉambro, ekstreme de la palaco... Al la reĝoj ne plaĉas, ke oni vidas ilin plori... Sed ĉe la reĝino ne okazas simile. Sidanta ĉe la kapo de la princo, kun sia bela vizaĝo malsekigita de larmoj, ŝi singultas laŭte antaŭ ĉiuj, tiel kiel farus la ĉifonistino en identaj cirkonstancoj.

En puntogarnita liteto, la eta princo, pli blanka ol la litkusenoj, sur kiuj li kuŝas, ripozas okulfermite. Oni kredas, ke li dormas, sed ne, la reĝideto ne dormas. Nun li turniĝas al sia patrino, kaj vidinte, ke ŝi ploras, li diras ŝin:

— Mia Reĝina Moŝto, kial vi ploras? certe vi kredas, ke baldaŭ mi mortos.

La reĝino volas respondi, sed la singultoj malhelpas ŝin.

— Ne ploru, mia Reĝina Moŝto; certe vi forgesas, ke mi estas la kronprinco kaj ke la kronprincoj ne devas morti tiel...

Nun la reĝino ankoraŭ pli singultas kaj la reĝideto ekmaltrankviliĝas.

— He! li aldiras, mi ne volas, ke la morto venu forporti min; mi ne permesos, ke ĝi eniru ĉi-tien. Venigu tuj kvardek fortikajn soldatojn, por ke ili faru gardadon ĉirkaŭ mia lito. Ke cent kanonoj estu pretaj, nokte kaj tage, sub miaj fenestroj. Kaj kompatinda estos la morto, se ĝi kuraĝos alproksimiĝi al mi.

Por plenumi la volon de la princo, la reĝino faras mansignon. Tuj audiĝas grandaj kanonoj ĉirkaŭveturantaj en la korto, kaj kvardek militistoj enpugnantaj halebardojn envicigas ĉirkaŭ la dormĉambro. Tiuj estas ĉiuj maljunaj soldatoj, kun grizaj liphararoj. Vidinte ilin, la kronprinco manfrapas. Li rekonas unu el ili, kaj vokas lin:

— Lorane! Lorane!

La soldato faras paŝon al la lito.

— Mi estas granda amiko via, mia maljuna Lorane. Donu al mi vian grandan sabron. Se la morto volos forporti min, ni mortigos ĝin, ĉu ne vere?

Lorane respondis:

— Jes, mia Sinjoro...

Kaj du grandaj larmoj traglitas liajn sunbrunajn vangojn.

Ĉi-momenton kapelano alproksimiĝas al la malgranda princo kaj parolas lin dum multe da tempo, mallaŭte, montrante al li krucifikson.

Komence la reĝideto aŭskultas la kapelanon tre mitrigit, sed poste interrompas lin rapide:

— Mi komprenas bone tion, kion vi diras al mi, sinjoro pastro, sed ĉu mia amiketo Bepo ne konsentos morti anstataŭ mi, se ni donos al li multe da mono?

La kapelano lin parolas denove, mallaŭte, kaj la eta reĝido ŝajnas pli kaj pli mirigita.

Baldaŭ la kapelano silentiĝas kaj la princo rediras sopire:

— Ĉio, kion vi diras al mi, estas tre malĝojiga, sinjoro pastro, sed io konsolas min: tio estas, ke supre, en la paradizo de l' steloj, mi daŭros esti la princo... Mi bone scias, ke Dio estas mia kuzo; do li traktos min laŭ mia alta rango.

Poste li turnas sin al la patrino kaj diras:

— Oni alportu al mi miajn belajn vestaĵojn, mian blankan ermenpelerinon, miajn velurajn ŝuojn! Mi deziras prezenti min fiere antaŭ la anĝeloj kaj eniri en la paradizon laŭ kronprinco.

Triajoje la kapelano kliniĝas sur la reĝidon kaj parolas lin longe, mallaŭte.

Tiam, meze de la pastra parolado, la reĝa infano interrompas lin kolere:

— Sed tiamaniere esti kronprinco kaj esti nenio estas tute egale!

Kaj volinte aŭdi nenion plu, la reĝideto turnis sin al la muro kaj ekploris tre amare.

El la portugala eldono de la libro *Leteroj el mia muelejo*, de Alphonse Daudet, esperantigis

J. A. CARMO.

Barreiro, 1936.

## BONA LECIONO

Ĉina imperiestro havis ĉevalon, kiun li tre estimis kaj kiu mortis pro nebona zorgado de ĉevalestro mallerta.

Ĵus eksciante ke ĝi ne plu vivas, la imperiestro ekfurioziĝis tiom, ke eltirinte la glavon, la kulpaton li tuj volas senvivigi.

Prudenta mandareno ĉestinta la scenon sukcesis eviti la mortigan glavtranĉon.

— Sinjoro — li diris la regnestron — tiu homo estas ankoraŭ ne konvinkita pri la graveco de lia krimo, krimo kiun li faris kaj pro kiu li devas morti. Lasu min tion ekspliki al li.

— Estu tiel. Sed faru tion rapide; — interrompis la imperiestro — ĉar mi estas tiom soifa al venĝo, ke mi ne povas longe atendi!

— Aŭskultu, fripono — diris la mandareno, rigardante kun indigno la ĉevalestron. — Aŭskultu la mallongan rakonton pri viaj kulpoj.

«Unue, vi lasis mortigi ĉevalo kiun via sinjoro konfidis al viaj zorgoj.

— Malfeliĉe estas vere!

«Due, estis pro vi, ke nia amata moŝta princo eksentis tiun atakon de furiozeco ke li estus povinta forpreni la vivon de vi, sin malhonorigante antaŭ la okuloj de l' mondo. Imagu al vi, mortigi homon pro ĉevalo! Kiel vi vidas, vi estas granda krimulo! Ĉu vi komprenis nun la grandiozecon de viaj kulpoj, de viaj krimoj?

Tiam la imperiestro ekkomprenis ke oni estis donanta al li grandan lecionon kaj humile ekkriis:

— Lasu iri en paco tiun homon, ĉar li estas jam pardonita.

El gazeto «Diário de Lisboa».

Trad. José Vicente Júnior.

O Curso Primário de Esperanto por Adolfo Trémouille custa 3\$50. Á cobrança mais 1\$00. Pedidos ao "P. E.".

# ★ Portugala Esperantisto

Monata organo de la portugala esperantista movado

## Direktoro

MANUEL DE JESUS GARCIA

## Redakcio k. Administracio

RUA JARDIM DO REGEDOR  
5, 4.º - LISBONO / PORTUGALIO

## Jarabono

FRANCAJ FRANKOJ, 7

Oni sendu monon per respondkuponoj  
aŭ poŝtmandato

## Ĉar Esperanto ne ankoraŭ triumfis...

DE COSTA JÚNIOR

Antaŭ miaj okuloj kuŝas leginda artikolo aperinta en «Nia Gazeto». La unua frazo entenas la resumon de la tuta artikolo:

«La homoj kutimas nomi *progreso* ĉion, kio anstataŭas ion antaŭan».

Tiun teorion ankaŭ oni aplikas al Esperanto, kaj tial sinsekvajn amasojn da neologismoj lastatempe enkondukitajn en Esperanton emfaze oni nomas *progreso*. Por la plej simplaj ideoj oni provas la uzadon de nova radiko, eĉ se la malnova perafiksa vorto plene taŭgas kaj eĉ se ĝin oni ĉie uzas kontentige. Kaj tion ĝenerale oni ne kuraĝas kontraŭbatali, ĉar ĝi estas *progreso* kaj tiun ĉi nur stultuloj celas embarasi...

«Zamenhof, per ĝia genia eltrovo de sia afiksaro, donis al ni la eblecon esprimi nian penson per tute novaj rimedoj... ĝin oni ĝuas tralegante paĝojn de la malnovaj aŭtoroj, de Zamenhof, de Kabe, de Grabowski, ktp. En iliaj verkoj nia lingvo sonas bele, elegante kaj memstare. Male, la nuna verkistaro, kiu ŝajne malŝatas la trezoron de la afiksaro, amasigas novajn, ofte nekompreneblajn, vortojn... Eble mi eraras; eble mia gusto ne estas ĝusta; sed mi devas konfesi, ke la plezuron, kiun donas al mi la legado de niaj malnovaj majstroj, mi neniam retrovas en la verkoj de la nunaj. Ŝanĝon mi konstatas, ne progreson».

Tiujn pravajn vortojn el la citita artikolo mi prezentas al la portugala samideano kun la admono pri tio, ke oni klopodu imiti la stilon de la malnovaj esperantaj aŭtoroj. En ilia prozo la vortoj fluas nature, senpene, logike, belsone...

Certe vi, portugala esperantisto, jam konstatis tion, kion supre mi transskribis; kun mi certe vi opinios, ke ekzemple la prozo de Zamenhof estas tuj unuavide komprenebla. Tamen multajn modernajn verkaĵojn nur malfacile oni komprenas kaj tradukas. Komentaj esperantistoj kelkfoje konfesis al mi sian miron pri la komprenebleco kaj ĉarmo de la Zamenhof-aj verkaĵoj; kaj aliaj, kontraŭe, plendas pro la malfacileco de la artikoloj aperintaj en kelkaj esperantistaj gazetoj, kies lingvaĵon ili pene sukcesas kompreni.

Laŭ mia seninflua opinio, la afero sin prezentas danĝera por la vivipoveco de nia lingvo. Pli kaj pli nerezonebla, Esperanto baldaŭ perdos la admirandan kapablon, kiun al ĝi donas la genia kunmetado de radikoj kaj afiksoj. En la estonteco, ŝajne oni devos lerni radikon post radiko, fariĝinta senutila la logika afiksaro de nia helpa lingvo...

Kaj se por ni, latinidoj, Esperanto prezentos ian malfacilecon, kiun ĝis antaŭnelonge ni ne konis, kion diri rilate al eksterlingvanoj, kies lingvoj havas nenian komunan trajton kun la eŭropaj? La internacia lingvo fariĝos preskaŭ tiel malfacila, komplika, kiel la angla aŭ la franca!

Ankoraŭ estas tempo halti sur la danĝera vojo. Por tio sufiĉos, ke ĉiu esperantisto konsciu pri la afero kaj klopodu sekvi la ĝustan vojon kaj konvinki la aliajn pri tio, ke Esperanto oni endanĝerigas sendube, se oni persiste daŭrigas la kondamnaton maltaŭgan sistemon: provi kaj enkonduki senbezonaĵajn radikojn.

Al ĉiuj mi konsilas la legadon de la klasikaj verkoj kaj ke laŭeble oni klopodu imiti ilian stilon. Per tio ĉi oni faros gravan servon al Esperanto kaj helpos al ĝia «prograsa» marŝado. Oni memoru, ke *ESPERANTO NE ANKORAŬ TRIUMFIS...*

## Bildetoj pri la kampano vivo en Alentejo

DE RODRIGO DE GUSMÃO

Alvenis la monato Majo. La laboristoj estas kontentaj; baldaŭ ili komencos la tritikolton, kiu iom forgesigos la vintran mizeron. Dum tiu-ĉi laboro la salajroj estas iom pli altaj, ĉar tia laboro ne povas esti prokrastata. Krome, la tritikolto estas la ciga, ofte mortiga laboro, ĉar la suno radias siajn varmegajn radiojn sur la alentejajn ebenaĵojn kaj ne flankiĝas de la kompatindaj falĉistoj.

La arboj estas maloftaj kaj nur de tempo al tempo varma bloveto ondigas la tritikfoliaron. La varmego estas sufoka. Eĉ la birdoj ne kuraĝas flugi el la nestoj. De tempo al tempo grilo ekkantas: kri... kri... kri.

Poste, alia sekvas la unuan kaj baldaŭ oni aŭdas kvazaŭ orkestron. Papilioj gracie flirtas en la aero.

Estas la tria. La matena krepusko estas ankoraŭ malproksima. Tra la kurbaj stratoj de alenteja vilaĝo sonas blovinstrumento el korno.

Estas la falĉistestro por maldormigi la falĉistojn. Dum unu horo la stratoj estas plenaj je personoj kaj oni aŭdas dise la kriojn: «Ellitigu!» «Ellitigu!».

Aroj da gejunuloj pretarpasas kaj ekkantas. La juneco estas tia: ĝi baldaŭ forgesos la pasintajn malfeliĉojn kaj mizeron. Iuj ne kantas: ili estas paroj da geamantoj babilantaj pri siaj esperoj en la estonteco. Kaj ĝi sin prezentas al ili: nur labori, kaj laboradi dum la tuta vivo.

Mateniĝas. Sur la vojo svarmas aroj da personoj, azenoj kaj kaprinoj. Ĝi estas kvazaŭ foiro. La regionaj kantoj, plenaj je melankolio kaj sopira malgajeco aŭdiĝas nun pli mallalte. La alaŭdoj ekkantas kaj salutas gaje la novan tagon. Al ili certe ne korempas la penso pri la estonteco: la Naturo, ĉies patrino, liveras al ili ĉiutagan manĝaĵon.

— Kantu gaje! ŝajnas diri al la perierantaj iliaj kantetoj... Ho, jes, diras la homoj, vi povas kanti gaje ĉar al vi oni nenion postulas, sed al ni...

Jen la gefalĉistoj alvenas ĉe la laborlokon. La falĉiloj ekdetranĉas la maturan tritikon. Nur oni aŭdas la kraketon de la tritikfoliaro. Kurbigintaj super sia laboro la gefalĉistoj preskaŭ ne povas spiri. La ŝvito fluas el iliaj fruntoj kaj falas sur la varmegan teron.

## A' venda neste jornal:

Dicionário Português-Esperanto... 40\$00  
 Analiza Historio de Esperanto Movado 9\$00  
 Unua Legolibro..... 7\$50  
 Lerna Esperanto-Krestomatío..... 9\$00  
 Fundamenta Krestomatío de la  
 Lingvo Esperanto..... 25\$00  
 «Sciencia Gazeto» aparece de 2 em 2  
 meses assinatura anual..... 18\$00

KONTROLITA DE LA CENZURA KOMITATO